

PROBLEMATIZAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA: EXPERIÊNCIA COM A PRÁTICA DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE EM FILOSOFIA NO PRP FILOSOFIA

Thalison Ramon Fernandes Lima¹
José Belizario Neto²

Resumo

No presente artigo refletimos sobre a nossa vivência no Programa Residência Pedagógica (PRP) – Subprojeto Filosofia. No escopo desta reflexão, debatemos sobre os caminhos para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Também abordamos sobre a importância da utilização de metodologias filosóficas capazes de tornar a Filosofia acessível aos não iniciados neste saber, que até pouco tempo era reservado a uma elite escolar. Para que os jovens tenham acesso aos conhecimentos filosóficos, faz-se necessário que o Ensino de Filosofia seja desenvolvido como um problema filosófico e norteado pelo exercício da democracia. Neste contexto, é necessário que os professores de Filosofia tenham a sensibilidade de conhecer o contexto social no qual os alunos estão inseridos. Tal sensibilização somente será possível quando a formação de professores for norteada pelo exercício de uma prática que equilibra a reflexão filosófica com a complexidade da realidade escolar (perspectivando levar a Filosofia a fazer sentido na vida dos estudantes).

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Filosofar, Problema Filosófico, Democracia, Formação de Professor.

Abstract

In this article we reflect on our experience in the Pedagogical Residency Program (PRP) - Philosophy subproject. In the scope of this reflection, we debated on the paths for the Teaching of Philosophy in High School. We also addressed the importance of using philosophical methodologies capable of making Philosophy accessible to those not initiated in this knowledge, which until recently was reserved for a school elite. For young people to have access to philosophical knowledge, it is necessary that the Teaching of Philosophy be developed as a philosophical problem and guided by the exercise of democracy. In this context, it is necessary that Philosophy teachers have the sensitivity to know the social context in which students are inserted. Such awareness will only be possible when the training of teachers is guided by the exercise of a practice that balances philosophical reflection with the complexity of school reality (aiming to make Philosophy make sense in the students' lives).

Keywords: Teaching Philosophy, Philosophizing, Philosophical Problem, Democracy, Teacher Training.

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: thalisonf13@gmail.com

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Doutorando em Filosofia pela UNICAMP; Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: belizarioufam@gmail.com

Introdução

O nosso interesse em desenvolver o tema deste artigo surgiu da experiência vivenciada no Programa Residência Pedagógica (PRP), Subprojeto Filosofia³ na Universidade Federal do Amazonas, que nos fez vislumbrar o Ensino de Filosofia como um problema filosófico, ou seja, uma problematização do Ensino de Filosofia em uma perspectiva voltada para o Ensino Médio (EM).

O texto foi construído a partir da preocupação de como ensinar Filosofia para os alunos de uma escola pública de Ensino Médio, na cidade de Manaus (bem como da nossa experiência de regência com Filosofia na referida escola). Também levamos em consideração os inúmeros problemas educacionais que os alunos da rede pública apresentam. Com o artigo, pretendemos demonstrar (de forma sucinta) a importância de pensar o Ensino de Filosofia no EM do próprio campo da filosofia para não correr o risco de sermos acusados de banalizar a Filosofia, sustentando nossa concepção de ensino em teorias não filosóficas.

O artigo foi desenvolvido em quatro momentos. No primeiro momento, abordaremos sobre a importância da democratização do Ensino de Filosofia, com a compreensão de que a democracia é a essência da Filosofia (e que sem a democracia é impossível o exercício do filosofar com os jovens do Ensino Médio). No segundo, discutiremos sobre a Formação do professor de Filosofia norteada pela democracia, na perspectiva de uma educação de qualidade. No terceiro momento, debateremos sobre alguns pressupostos teóricos para subsidiar a nossa concepção de Ensino de Filosofia durante a realização das atividades do PRP Filosofia. Por fim, apresentaremos um breve relato da nossa experiência na RP Filosofia⁴, na qual buscamos desenvolver o Ensino de Filosofia norteado por uma práxis filosófica “revolucionária” para a transformação.

1. Filosofia no Ensino Médio: democratização do conhecimento filosófico com os jovens de escola pública

A democratização do conhecimento filosófico com os jovens do Ensino Médio (EM) está diretamente conectada com o exercício de uma práxis docente qualitativamente diferenciada, relevante e significativa, na perspectiva de uma transformação social “revolucionária”. Quando falamos de democratização da filosofia, não estamos defendendo apenas sua inserção formal no currículo do EM, o que somente ocorreu de forma plena e obrigatória em 2008 com a promulgação da Lei 11.684/2008, fator importante e necessário para a democratização do conhecimento filosófico, porém não o suficiente. Outro ponto primordial que de fato consolidará essa

³ Doravante passaremos a convencionar Programa Residência Pedagógica - Subprojeto Filosofia como PRP Filosofia. Convém ressaltar que o período de vigência do nosso subprojeto foi de agosto de 2018 a janeiro de 2020.

⁴ Residência Pedagógica de Filosofia.

democratização é a maneira como a Filosofia é trabalhada na sala de aula, ou seja, da relação professor-filosofia-aluno construída pelos professores, os quais devem fazer com que os alunos do EM reconheçam a importância do conhecimento filosófico. Mas o trabalho isolado do professor de Filosofia também não será suficiente para assegurar a democratização da Filosofia, o que depende de vários fatores, entre eles: a formação continuada do professor, melhores condições de trabalho nas escolas, a luta coletiva em defesa da manutenção da Filosofia como disciplina obrigatória e com qualidade de ensino, etc.

Neste contexto, a inserção da disciplina de Filosofia no currículo do EM, na perspectiva da democratização do seu ensino “tem como ponto de partida uma posição política em favor de um projeto democrático de acesso ao saber, com todos os riscos que ele implica” (RODRIGO, 2009, p.3). Para isso, é necessário despertar nos estudantes o interesse por pensar criticamente como seres transformadores, com o propósito de “pensar, criar, revolucionar o mundo ao seu redor” (KOHAN, 2013, p. 34).

Podemos dizer que o maior desafio no processo de democratização do saber filosófico é conectar os pressupostos filosóficos com a prática docente. Neste contexto, o professor de Filosofia do EM pode indagar (entre outros questionamentos que poderia fazer): O que é ensinar Filosofia? Como ministrar essa disciplina? Por que muitos jovens desprestigiam o conhecimento filosófico? Quais são os limites, possibilidades e alcances para a atuação do docente de Filosofia?

Os questionamentos acima são importantes para que suas respostas possam orientar a prática do professor em sala de aula. Com isso, o professor percebe que deve “abandonar o plano elevado do conhecimento complexo (filosófico), para descer aos termos mais elementares” (RODRIGO, 2009, p. 15). Com a realização da ação descrita por Rodrigo, o professor poderá agir e refletir com a perspectiva de exercer a democratização do saber filosófico.

Sendo assim, a democratização do saber filosófico será alcançada somente quando os discentes do EM das escolas públicas (que em sua maioria é proveniente de camadas populares) tiverem acesso ao conhecimento na sua forma complexa e possam compreender o saber filosófico com rigor e primor, de forma simples e sem simplismo. Para que essa democratização se consolide, o professor precisa encontrar maneiras para que o conhecimento seja entendido pelos alunos que não dominam o vocabulário filosófico, científico e intelectual, tornando-os capazes de compreender o pensamento filosófico, manuseá-lo, vê-lo no seu dia-a-dia.

Dessa forma, se faz necessária a aquisição de estratégia didático-filosófica “que facilite a superação da distância existente entre as exigências teórico-epistemológicas do saber filosófico e a formação educacional de boa parte dos alunos oriundos dos seguimentos sociais menos favorecidos, justamente os que mais precisam de ajuda ou intermediação com vista ao seu

aprimoramento intelectual” (RODRIGO, 2009, p. 34). Sendo assim, os alunos com maior carência educativa e dificuldades de aprendizagem, poderão ter acesso ao rico arsenal filosófico que durante anos lhes foi negado.

Mas, para que os alunos das escolas públicas tenham acesso ao saber filosófico qualificado, faz-se necessário a utilização de métodos didático-filosóficos que traduzam os conteúdos filosóficos. A priorização por parte do professor não deve ser entendida como uma questão de importância desse ou daquele filósofo, mas sim em função do tempo que a disciplina dispõem no Ensino Médio.

Tudo isso faz parte do processo de democratização do saber, pois como já abordamos anteriormente, é preciso que haja uma conexão entre os alunos, o professor e o conhecimento filosófico. O atual cenário não permite que sejamos idealistas, pois a realidade dos estudantes das escolas públicas é precária, porém, tal situação deve ser encarada como uma oportunidade para que lutemos na perspectiva de melhorias na educação brasileira, apresentando para a sociedade que é possível ensinar Filosofia no Ensino Médio⁵, e que o saber filosófico tem muito a contribuir para a construção de uma sociedade na qual a relação trabalho e educação não sejam opressoras e nem excludente.

Sabemos que o desafio de ensinar Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio brasileiro é uma experiência nova⁶. A luta em defesa dessa obrigatoriedade é tão antiga quanto as contradições da escola.

Obviamente essas constatações trazem implícita uma crítica à própria escola, pois a ela competiria desenvolver as qualificações requeridas para o estudo da filosofia. Mas, enfim, seja qual for a razão, se o aluno não possui esses requisitos, é preciso juntamente com os conteúdos filosóficos, investir na sua aquisição, ou seja, na capacitação de ler, interpretar, abstrair, argumentar, redigir etc. Além do mais, o ensino de filosofia apresenta condições muito propícias para esse tipo de trabalho (RODRIGO, 2009, p. 22 - 23).

Para que as condições propícias apontadas por Rodrigo realmente aconteçam, os professores devem encarar o Ensino de Filosofia de maneira responsável e comprometida com a

⁵ Com rigor, complexidade e simplicidade, sem perder a qualidade filosófica.

⁶ Considerando que antes de 2008, apenas em situações pontuais (em alguns estados brasileiros), a Filosofia se encontrava como disciplina obrigatória.

formação filosófica dos estudantes, buscando caminhos que possibilitem a transposição⁷ dos textos filosóficos para uma linguagem que esteja de acordo com o perfil dos estudantes⁸.

Um projeto de democratização do conhecimento filosófico no Brasil deve defender que o Ensino da Filosofia contribui para a consolidação da democracia no país, além de colaborar de forma significativa para a formação de uma sociedade igualitária. A Filosofia é uma disciplina de suma importância porque não traz respostas, mas deve levar o aluno a perguntar-se, por exemplo: “O que faço aqui?”, “O que é certo e errado?”, “Devo ser justo?” “Quais são as consequências dos meus atos injustos?”, “Por que devo estudar Filosofia?”, “De que forma a Filosofia está presente na vida cotidiana?”. Enfim, questionamentos que aos olhos de muitos podem ser ignorados, rejeitados e não aceitos, são de extrema relevância para a reflexão filosófica, na perspectiva de ações concretas para a mudança da realidade social.

Os questionamentos levantados acima não se restringem ao exercício da cidadania, mas têm grande importância, considerando que vivemos em sociedade e precisamos despertar essa preocupação a respeito da cidadania, como salienta Rodrigo: “proporcionar a todos a oportunidade de desenvolver sua humanidade em termos de um pensamento racional que lhes permita pensar a relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo de modo que estejam aptos a exercer o pensamento na perspectiva de uma cidadania democrática” (RODRIGO, 2009, p.23).

2. Formação do professor de Filosofia norteada pela democracia

No tópico anterior, abordamos sobre o processo de democratização do saber filosófico e apontamos que o professor de Filosofia desempenha um papel fundamental para a consolidação desse processo, pois tal democratização somente acontecerá quando o aluno compreender o que estar sendo ensinado na sala de aula e que o saber filosófico é de fundamental importância para sua vida. Enquanto isso não acontecer, não haverá democratização do conhecimento filosófico.

Por isso, encaramos tal processo como “revolucionário”, não apenas porque ele possibilita o acesso dos alunos oriundos das camadas mais populares ao conhecimento filosófico, mas porque ele torna necessário o rompimento com as práticas pedagógicas tradicionais, além de exigir novas concepções de ensino que sejam “inovadoras que possibilitem uma práxis pedagógica capaz de ultrapassar os limites do treinamento puramente técnico e tradicional, para efetivamente alcançar

⁷ Além da expressão “transposição”, alguns autores (como por exemplo, Lídia Maria Rodrigo) também utilizam o termo “simplificação” para se referir à tradução dos conteúdos filosóficos para os estudantes do Ensino Médio. Destarte, “simplificação” não significa simplismo nem banalização dos conteúdos filosóficos. Convém ressaltar que não debateremos neste artigo sobre a falta de consenso na literatura com relação às expressões “transposição” e “simplificação”

⁸ Como discutimos anteriormente, tudo isso requer uma formação continuada para os professores e que a escola pública seja um espaço favorável para experiências democráticas. Também é necessário que os professores se organizem coletivamente em defesa das ciências humanas de uma forma geral e da filosofia, de forma particular.

a formação do sujeito como um ser ético, histórico, crítico, reflexivo, transformador e humanizado” (GEMIGNANI, 2012, p.1).

Nesse contexto, convém também chamar a atenção para a seguinte pergunta: “o que é filosofar?” Esse questionamento se faz importante para que possamos ter uma definição clara do que é “Filosofia”, pois somente a partir dessa conceituação que podemos pensar em como ensiná-la no EM, sem correr o risco da sua descaracterização. Diante disso, concordamos com a definição filosófica de Schneider:

Filosofar é, num primeiro momento, refletir sobre a vida. [...] Especulação sobre a verdade e a natureza da verdade e do Universo são preceitos típicos do espírito filosófico. Todavia, ser filósofo vai além do saber teórico. Ser filósofo é querer saber, provar e comprovar seu conhecimento. [...] Nesse contexto, o papel do filósofo da Educação é o de ajudar a desvelar as exigências e necessidades no processo ensino-aprendizagem. Sobretudo, o educador precisa aprender que a Educação somente se faz com pessoas. Estas são educadas, e não doutrinadas (SCHNEIDER, 2008, p. 17 - 19).

Concordamos com essa definição porque ela é ampla e consegue definir a filosofia de maneira ontológica, bem como pedagógica, ou seja, abre espaço para discutir a Filosofia da Educação, suas possibilidades e limites, da mesma maneira que indica que a formação dos docentes para o Ensino Básico precisa levar em consideração as especificidades da escola de massa.

Contudo, para que as formas mais elaboradas da cultura sejam acessíveis a todos, ou disseminadas em larga escala, é preciso que sejam traduzidas em versões simplificadas. Assim, para colocar o saber filosófico ao alcance dos não iniciados, será inevitável traduzir em termos simples o arsenal conceitual e os problemas filosóficos (RODRIGO, 2009, p. 2).

Dentre as várias dificuldades que a Filosofia da Educação enfrenta no Brasil, a mais frequente é a falta de disposição dos que dominam esse conhecimento em buscar formar novos profissionais da área que sejam capazes ou que tenham uma visão mais popular sobre seu ensino. Atualmente, a formação filosófica brasileira acontece diante de um profundo discurso teórico sem relação com a prática e muitas vezes sem qualquer diálogo com a educação (o que acontece até mesmo em cursos de Licenciatura em Filosofia). Enxergando tal situação como um problema a ser superado, destacamos a importância de se relacionar a Filosofia com a Educação.

Tal relação significa o Ensino de Filosofia norteado por uma práxis na qual os fundamentos filosóficos subsidiam a ação do professor e sua prática dá sustentação aos pressupostos teóricos. Para a efetivação dessa práxis, é necessário pensar a formação dos futuros professores de Filosofia no contexto da vivência e problematização do Ensino de Filosofia no Ensino Médio. E nesse contexto, deve-se adotar a concepção de que o conhecimento filosófico deve passar por um

rigoroso processo de mudanças inovadoras (sem simplismo nem banalização) para poder chegar ao alcance dos alunos das escolas públicas que apresentam dificuldades de compreensão do conhecimento filosófico (bem como de outras áreas), porque lhes faltam as condições necessárias e suficientes (no processo de ensino-aprendizagem) em virtude de um processo histórico de sucateamento da educação brasileira.

Dessa forma, o processo de formação docente deve ocorrer com um rigoroso grau de estudos sistêmicos teóricos, pois para pensar em traduzir ou transpor os conteúdos filosóficos para uma linguagem acessível aos alunos, o professor deve ter muito bem definida sua concepção de filosofia e ter domínio do seu conteúdo. Sendo assim, “Ao contrário do que se pensa habitualmente, traduzir em termos simples um saber especializado não é tarefa fácil. Só quem conhece determinado assunto em toda a sua complexidade pode ser capaz de simplificá-lo sem cair no simplismo” (RODRIGO, 2009, p. 15).

Mas aqui destacamos que o que impede muitos professores de Filosofia de pensar um ensino adequado (com qualidade e relevância) para as escolas públicas não é necessariamente o medo de cair no simplismo, mas é a elevação de um “ego professoral” que não permite o professor sair do “plano mais elevado do conhecimento filosófico” para dialogar com pessoas “leigas” em filosofia, que sofrem com inúmeros problemas devido às desigualdades sociais existente em nosso país.

Lídia Rodrigo cita um relato do Professor francês Michel Tozzi sobre o testemunho de um estudante com relação ao Ensino de Filosofia no Ensino Médio: “O professor falava para si mesmo. Eu não entendia nada; era muito abstrato para mim. Não me atrevia a fazer perguntas. Entediava-me o tempo todo. Perdi um ano” (RODRIGO, 2009, p. 37). A narrativa expressa uma realidade constante dentro das salas de aula brasileiras, não apenas nas aulas de Filosofia, mas de todas as outras disciplinas. Com base nessa preocupação, pensamos que a educação filosófica deve ser desenvolvida de maneira que os jovens estudantes possam sentir-se atraídos, envolvidos, convidados, “encantados” pelo mundo filosófico. Nas palavras de Rodrigo, “Do ponto de vista do conteúdo também se deve estabelecer parâmetros adequados ao perfil do aluno. Ninguém, em sã consciência, pode esperar um conhecimento muito amplo e sistematizado da história da filosofia ou uma produção de reflexão original” (RODRIGO, 2009, p. 23).

O que queremos apresentar neste texto é que os professores precisam ser formados com a concepção de que a Filosofia tem um importante papel na construção do futuro do país e que sua presença como disciplina obrigatória no Ensino Médio é importante para iniciar e consolidar o processo democrático nas relações sociais. Por isso, tal saber sempre foi negado parcial ou totalmente pela classe dominante aos filhos dos trabalhadores, pois todos sabem do seu teor

transformador e “revolucionário” (no sentido de promover as transformações sociais). Somente uma educação sólida e democrática, incluindo a aquisição do conhecimento filosófico para a classe trabalhadora e os seus filhos colocaria fim ao sistema opressor que vivemos no Brasil.

3. Alguns pressupostos teóricos para reflexão sobre a concepção da RP Filosofia

De acordo com Rodrigo Barboza dos Santos, em sua obra *Filosofia do Ensino de Filosofia: propostas metodológicas para o ensino de Filosofia*, “um problema, seja qual for ele, somente terá sentido se for sentido por alguém. Não poderia ser diferente em relação ao problema do ensino de Filosofia” (SANTOS, 2017, p. 25).

A citação que inicia esse tópico foi escolhida justamente por uma ideia que concebemos sobre o PRP Filosofia. A nossa concepção é corroborada por alguns pressupostos teóricos (que discutiremos a seguir), os quais defendem a ideia de uma busca por metodologias capazes de contribuir com o ensino de Filosofia nas escolas públicas. Tal ensino não deve incidir na perda da essência da filosofia nem deve descaracterizá-la.

Lídia Rodrigo faz um apelo para que não se caia na temida banalização do saber filosófico ao trabalharmos seus conteúdos no Ensino Médio. Conforme a autora deve-se partir de uma didática necessariamente filosófica, com o domínio do conteúdo por parte do professor, na expectativa de estabelecer como objetivo central da sua aula a produção filosófica no ato de ensinar. Sendo assim, ensinar filosofia é produzir conhecimento filosófico.

A determinação das mediações didáticas subordina-se a uma concepção do que seja a filosofia e o seu ensino, como também aos fundamentos ético-políticos e epistemológicos que embasam este último. Em termos sintéticos, uma didática da filosofia deve ser, antes de tudo, filosófica (RODRIGO, 2009, p. 33).

A autora observa que não é fácil pensar em uma didática específica para a filosofia, que essa dificuldade acaba levando muitos professores a fazer a transposição do Ensino de Filosofia universitário para o Ensino Básico. Tal situação acontece quando os professores não foram preparados ou formados para serem professores com a perspectiva da práxis que falamos anteriormente.

Neste contexto, Rodrigo defende a manutenção da Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio das escolas públicas e que qualquer pessoa pode desenvolver uma prática filosófica, que não será nem como a dos filósofos originais, nem como a dos especialistas. Sendo assim, a autora propõe refletir sobre uma linha imaginária para definir um ponto muito importante sobre a questão do Ensino de Filosofia que não deve ser encarado como uma tentativa de formar filósofos no Ensino Médio. Pensando nisso, a pesquisadora apresenta "três aspectos formais, ou

processos de pensamento, como definidores da prática do ensino de filosofia: problematizar, conceituar e argumentar” (RODRIGO, 2009, p. 55).

Um ensino de filosofia que privilegie esses três aspectos pode garantir uma didática especificamente filosófica, além de criar a possibilidade de trabalhar, juntamente com os conteúdos filosóficos, aquelas competências que o aluno do ensino médio ainda não possui (RODRIGO, 2009, p. 56).

Na mesma direção de Rodrigo, Silvio Gallo apresenta possibilidades para o Ensino de Filosofia. O autor discute sobre a importância da formulação de conceitos da história da filosofia para se ensinar filosofia e propõe que os planos de aula sejam trabalhados da seguinte maneira:

É esse ato que faz da filosofia propriamente filosofia. Assim sendo, se desejamos um ensino de filosofia “filosófico”, precisamos desenvolvê-lo mediante o trato com os conceitos. Desse modo, minha proposta é a de que se organize a aula de filosofia como uma espécie de ‘oficina de conceitos’, na qual professor e estudantes manejem os conceitos criados na história da filosofia como ferramentas a serviço da resolução de problemas e, com base em problemas específicos, busquem também criar conceitos filosóficos (GALLO, 2012, p. 20).

Além da proposta da oficina de conceitos para se ensinar a Filosofia, Gallo defende a importância de o docente ter a sua própria concepção acerca da Filosofia e se pergunte: “o que é filosofia?” O autor busca resposta para a questão em Deleuze e Guattari: “filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992 p. 15).

De acordo com Gallo (2012, p. 55), “o conceito é sempre criado a partir de um problema ou de um conjunto de problemas”, isto é, não podemos buscar outra forma de pensar a filosofia a não ser seguindo os passos daqueles que a iniciaram, mas é possível pensar a filosofia a partir dos problemas deixados pela própria tradição com a criação de conceitos. Vale ressaltar que estamos falando sobre o Ensino de Filosofia na escola de Ensino Básico, conforme algumas características que apresentamos de acordo com o pensamento de Rodrigo.

Para Gallo, o aprendizado da filosofia não se dá pela memorização dos conceitos já produzidos. O professor não precisa fazer com que seus alunos memorizem os conceitos, ele deve ajudar os seus alunos a conceituar seus próprios problemas filosóficos, por mais que estes partam de problemas já postos.

Desse modo, o professor deve pensar em mecanismos para fazer com que os alunos percebam os seus próprios problemas, para com isso eles terem condições para conceituar por eles mesmos. Nesse caso, os estudantes devem observar o problema filosófico da história da filosofia, perceber tal problema e trazer para a sua realidade a partir do problema que foi percebido e compreendido; haveria a necessidade de busca por soluções para eles, pois estas soluções não estão dadas no mundo e tampouco prontas para serem descobertas. Assim, é importante que cada

pessoa viva o seu problema, sem jamais assumir o problema do outro, como afirma o próprio Gallo:

Tomando-se, pois, como premissa que o conceito é fruto da filosofia, Deleuze e Guattari vão apresentá-lo como uma forma de exprimir o mundo, o *acontecimento*. O próprio conceito se faz acontecimento, ao dar destaque, relevância para um determinado aspecto do real. O conceito aparece então como uma forma própria da filosofia de construir compreensões para o real (...). Os conceitos são criados a partir de problemas, colocados sobre um *plano de imanência*. Esse plano é o próprio solo dos conceitos e, portanto, da filosofia e é traçado pelo filósofo tendo como elementos o tempo e o lugar em que vive, suas leituras, suas afinidades e suas desavenças. É nesse plano que surgem os problemas, e são os problemas que movem a produção conceitual. (GALLO, 2012, p. 63).

Diante dos aspectos apresentado por Gallo sobre o problema do Ensino de Filosofia através da produção de conceitos, vejamos sua posição a respeito do professor enquanto mediador entre o mundo filosófico e os estudantes, com base na ideia de Rancière sobre o “mestre ignorante”:

A emancipação intelectual, de fato, só pode acontecer quando se toma por premissa outro princípio: a igualdade de inteligências. Uma relação de igualdade entre quem ensina e quem aprende, na qual não há submissão ou assimetria. Uma relação na qual o aprendiz é uma conquista e uma realização de uma inteligência que é capaz por si mesma, que tem no outro um parceiro, e não um guia ou uma “muleta”. (GALLO, 2012, p. 87).

A partir desse momento, o texto aponta para uma análise crítica-avaliativa a respeito das concepções didático-filosóficas encontradas em Lúcia Rodrigo e Silvio Gallo à luz do pensamento de Alejandro Cerletti, que discute o Ensino de Filosofia como um verdadeiro problema filosófico. Muito se tem a refletir e buscar possíveis pontos de confluência entre essas três concepções filosóficas e educacionais. A concepção de Gallo está em sintonia com a posição de Alejandro Cerletti, ao defender “o ensino de filosofia como um problema filosófico”:

Como consequência, sustentaremos – e esta será a tese central do livro – que o ensino de filosofia é, basicamente, uma construção subjetiva, apoiada em uma série de elementos objetivos e conjunturais. Um bom professor ou uma boa professora de filosofia será aquele que possa levar adiante, de forma ativa e criativa, essa construção (CERLETTI, 2009, p. 8).

Na visão de Cerletti, os professores devem fazer mais do que simplesmente transmitir os conhecimentos adquiridos nas universidades, ou nas palavras de Rodrigo (2009), para que não ocorra a “transposição dos conteúdos universitários para o ensino médio”. Sobre isso, afirma Cerletti:

A docência em filosofia convoca os professores e as professoras como pensadores e pensadoras, mais do que como transmissores acríticos de um saber que supostamente

dominam, ou como técnicos que aplicam estratégias didáticas ideadas por especialistas para ser empregadas por qualquer um, em qualquer lugar (idem, p. 9).

No contexto apresentado por Rodrigo e Cerletti, o ensino de Filosofia não deve ocorrer como mera transmissão do conhecimento, para não cair em um reducionismo que aborda a Filosofia como algo manipulável, no qual ocorreria uma espécie de “mágica” para que os alunos aprendessem sobre Filosofia e se tornassem filósofos.

Conforme Cerletti,

Uma vez mais: *Ensinar filosofia é dar um lugar ao pensamento do outro*. Não tem sentido transmitir ‘dados’ filosóficos (isto é, informação extraída da história) como se fossem peças de uma loja de antiguidades com a qual os jovens não teriam qualquer relação. Não há sentido em tentar transmiti-los sem vivificá-los no perguntar dos alunos. A lógica do antiquário filosófico, que atesoura joias para oferecê-las a alguns poucos privilegiados, emudece o filosofar e mutila sua dimensão pública (CERLETTI, 2009, p. 87).

Apesar das dificuldades que pairam no Ensino de Filosofia no nível médio, não deve deixar que as mesmas sejam maiores que o anseio pela aprendizagem filosófica. De acordo com Rodrigo, “Enfim, se as dificuldades e os limites são grandes, não se deve deixar de levar em conta a possibilidade de algum avanço” (RODRIGO, 2009, p. 24).

Seguindo a mesma linha de pensamento de Rodrigo, Gallo afirma:

Nessa perspectiva, a aula de filosofia ganha sentidos muito interessantes ao ser tomada como uma “oficina de conceitos”. Se a metodologia de trabalho se dará utilizando as ferramentas do diálogo, do debate, da reflexão etc. é uma discussão posterior; o fundamental é que a aula garanta o contato dos jovens com o instrumental conceitual. Chegamos aqui à questão crucial: esse contato com o instrumental dos conceitos significa que cada aluno precisará, de fato, construir, criar conceitos? Ou, em outras palavras: cada aluno deverá ser um filósofo, na aula de filosofia? Em certa medida, penso que sim. [...] Não [...] no sentido estrito do termo. [...] Naqueles momentos da aula de filosofia, cada um precisa ser um pouco filósofo (GALLO, 2012, p. 92 - 93).

Os autores compartilham a preocupação com a questão da tentativa de formar filósofos no Ensino Médio. Consideram tal prática inapropriada para esse nível de ensino, caso isso venha a acontecer, pode ocorrer o afastamento dos estudantes pelo aprendizado filosófico, mas cabe ao professor estar presente e convidar os discentes a produzirem Filosofia.

Para Cerletti, a Filosofia é uma atividade criadora e os alunos não podem ser passivos frente ao filosofar. Nesse caso, serão filósofos não no sentido profissional ou técnico do termo, mas na medida em que produziram conceitos a partir do convite de seus professores, partindo sempre de problemas: sejam eles atuais ou já colocados pelos grandes filósofos.

Ao longo desse texto, defendemos o Ensino de Filosofia como uma metodologia ativa, uma concepção educativa que estimula processos construtivos de ação-reflexão-ação, no qual o estudante tem uma postura ativa perante o seu ensino aprendido.

No que concerne ao trato com aulas de filosofia na educação média, penso que a pedagogia do conceito poderia estar articulada em torno de quatro momentos didáticos: uma etapa de *sensibilização*; uma etapa de *problematização*; uma etapa de *investigação*; e, finalmente, uma etapa de *conceituação* (isto é descrição ou recriação do conceito) (GALLO, 2012, p. 95).

Dessa forma, o método proposto por Gallo baseia-se nos conceitos que se encontram no escopo da história da filosofia, conforme explicita o próprio autor:

Que fique claro então que a criação (ou recriação) do conceito não é uma tarefa impossível: não se cria no vazio, com base em nada; são os próprios conceitos da história da filosofia ou seus elementos constitutivos que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema (GALLO, 2012, p. 98).

Por questão de brevidade, não entraremos no mérito das etapas da oficina de conceitos proposta por Silvio Gallo. No próximo item apresentaremos algumas considerações sobre o PRP Filosofia, cujo objetivo central é fazer a imersão de acadêmicos residentes (matriculados na segunda metade do curso de licenciatura), para regência em escola de Ensino Básico (denominada de escola-campo), na perspectiva de construir um perfil profissional que esteja habilitado na formação de cidadãos com ensino de qualidade.

4. Práxis filosófica no Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Filosofia

Toda experiência da RP Filosofia foi desenvolvida e pautada na busca de novas metodologias para o Ensino de Filosofia, bem como para uma formação significativa e relevante para os futuros professores. Diante da preocupação de ensinar Filosofia e formar professores de Filosofia, o programa foi dividido em dois “grandes” momentos: o primeiro, teórico (estudo sistemático de teorias filosóficas); e segundo, prático (aplicação das teorias na prática da sala de aula)⁹.

No primeiro momento, aconteceram reuniões para orientar e preparar os residentes para ser inseridos na escola-campo, com estudos e discussões de textos pré-selecionados pelo orientador (coordenador de área) e preceptores (professores das escolas-campo), com o intuito de “incitar” os acadêmicos para a busca de novos meios metodológicos. Posterior a esse momento

⁹ O Departamento de Filosofia aderiu ao PRP Filosofia em 2018.

ocorreu a ambientação na escola-campo, que foi acompanhada rigorosamente pelo orientador e pelo preceptor. A partir daí, os residentes elaboraram um planejamento, com definição das metas e dos prazos a serem cumpridos em todas as atividades do programa. O planejamento da regência escolar foi elaborado de acordo com as atividades da escola, ou seja, os residentes deveriam acompanhar todo o processo escolar, ação pautada tanto nas observações da dinâmica escolar, quanto das experiências apreendidas de cada um, na perspectiva da práxis filosófica (conectando a teoria com a prática); por isso, a necessidade dos residentes realizarem observações e acompanhar todas as programações da escola, procurando, na medida do possível, utilizar os conhecimentos teóricos para analisar e refletir como agir em torno de situações do dia a dia.

Convém destacar que durante algumas situações os residentes enfrentaram desafios para desenvolver as atividades do Subprojeto Filosofia, que impulsionaram a busca de soluções coletivas, resultando em avanços e possibilidades favoráveis para a atuação filosófica na escola. É preciso observar que os residentes já estavam preparados para tais desafios, pois alguns deles constaram das discussões anteriores, com relato de pesquisadores de casos semelhantes ao nosso.

Outro momento marcante da nossa vivência na RP Filosofia foi a regência em sala de aula. Os processos anteriores (reuniões de planejamento na IES e na escola, estudos sistemáticos de textos filosóficos, a ambientação escolar, entre outros) foram fundamentais, na perspectiva de fornecer os subsídios necessários para a regência. Cabe ressaltar que, apesar de todos os momentos anteriores mencionados acima, estávamos repensando constantemente o nosso planejamento e fazendo todas as mudanças pertinentes a cada turma.

Durante a regência, as nossas reflexões foram marcadas por várias inquietações, tais como: Que conteúdos devemos ministrar em sala de aula? Quais são as metodologias adequadas a cada série? Quais são as especificidades de cada turma de uma mesma série? Como deve ser a relação professor-aluno? Quando devemos falar, bem como parar para ouvir as inquietações dos discentes?

Esses e outros questionamentos embasaram a preparação da regência, na expectativa da prática docente filosófica, com todo o rigor necessário para um diálogo filosófico profícuo com os estudantes.

Neste contexto, comprometidos com o projeto de “popularização” ou democratização do conhecimento filosófico, finalizaremos esse tópico fazendo uma socialização da nossa experiência com a regência escolar na RP Filosofia¹⁰, com as três séries do Ensino Médio.

¹⁰ Por questão de brevidade, delimitaremos o nosso relato em uma “amostra” de 14 aulas.

Inicialmente, tivemos uma “aula inaugural” (uma aula pública), intitulada “Filosofia na Praça”, envolvendo todos os residentes alocados na escola e todas as três séries do EM, com carga horária total de 10 horas.

Os objetivos da “Filosofia na Praça” (entre outros) foram: 1) fazer a transição entre a ambientação e a regência escolar; 2) consolidação da participação da RP Filosofia na escola; 3) “familiarizar” os residentes com a comunidade escolar; 4) fechamento do ano letivo de 2018 na escola, com a participação da RP Filosofia; 5) ministração de conteúdos filosóficos de maneira crítica e criativa, possibilitando escolhas para os alunos; 6) vivenciar a filosofia em sintonia com a arte e a cultura; e 7) conectar a filosofia com a vida dos discentes do EM.

Na “Filosofia na Praça” foram desenvolvidas as seguintes atividades: Raciocínio Lógico; Filosofia e Realidade Social, com aplicação de metodologias ativas de ensino-aprendizagem; rodas de diálogo; jogos lógicos; brincadeiras; construção de fanzine; e vivência artístico-cultural. Foi neste conjunto de aulas que apresentamos aos alunos do Ensino Médio diversas maneiras de ensinar Filosofia, algumas vezes de maneira “clássica”¹¹ (em sala de aula), em outras descontraídas, em forma de brincadeiras, demonstrando que as duas maneiras (“clássica” e descontraídas) são norteadas pelo rigor filosófico (o que exige dedicação, disciplina e criatividade).

Durante a “Filosofia na Praça”, os discentes demonstraram interesse e curiosidade em realizar as atividades que aconteciam ao mesmo tempo: enquanto uns produziam poemas com temas filosóficos, outros produziam fanzine, outros buscavam resolver problemas lógicos, outros ainda se envolviam com as atividades artístico-culturais-filosóficas etc; os alunos “passeavam” no pátio da aula pública, considerando que cada discente buscava participar da atividade com a qual tinha mais afinidade. Convém destacar que todos os alunos reservaram tempo para resolver ou tentar resolver os problemas lógicos que estavam reproduzidos no datashow para que todos tivessem acesso.

Ao término da “Filosofia na Praça”, avaliamos a importância de associar o conhecimento filosófico ao mundo da juventude (conectando com sua realidade social), na perspectiva de aproximá-los do conhecimento filosófico e vice-versa. Considerando que não temos o propósito de formar filósofos no Ensino Médio, acreditamos que trabalhar nesse formato, com métodos de ensino significativos e relevantes, pode ser uma forma eficaz para que os alunos façam ou desenvolvam habilidades de reflexões filosóficas, para leituras sistemáticas de Filosofia, bem

¹¹ Cumpre salientar que a maneira “clássica” que nos referimos não foi orientada por uma prática docente conservadora e tradicional, na qual o professor atua de forma autoritária, “conteudista” e com desprezo aos conhecimentos dos discentes. Neste sentido, todas as nossas aulas foram norteadas pelo exercício da democracia (como temos enfatizado ao longo deste artigo).

como ler o mundo em que vivem (visualizando suas contradições, e se preparando para enfrentá-las de forma crítica e criativa).

Neste contexto, a “Filosofia na Praça” foi um momento propício para todos os residentes e a coordenação de área entrar em sintonia com a comunidade escolar, na perspectiva de uma regência escolar relevante e significativa. Sendo assim, iniciamos a regência (um dos momentos mais complexos da formação do Licenciando em Filosofia) percebendo que ser educador exige esforço, dedicação, disciplina e sensibilidade com a Filosofia e com a conjuntura na qual os discentes estão inseridos (bem como com as relações interpessoais). Sendo assim, a Filosofia contribui para uma formação “revolucionária”, ao assumir o seu papel de formação social, o que é fundamental para a construção de uma sociedade na qual a educação não seja tratada como mercadoria.

Dando continuidade às atividades de regência, as quatro aulas seguintes foram preparadas, com o propósito de trabalhar os conteúdos filosóficos com os discentes da forma mais clara possível. Para a primeira série, foi planejada aula com a temática “Política” (a ser ministrada em uma única turma); para a segunda série, “Teoria das ideias de Platão” (a ser ministrada em uma única turma); e para a terceira série, “A filosofia da existência de Martin Heidegger” (a ser ministrada em duas turmas).

Ainda na preparação das aulas, buscamos auxílio inicial no livro didático adotado pela escola e constatamos a necessidade de elaboração de um material didático a partir das temáticas, para maior fluidez das aulas. Neste sentido, para cada turma foi preparado um texto, com as informações mais importantes de cada conteúdo (com base em leituras que separamos para nos subsidiar para as aulas e as leituras do livro didático escolar). As quatro aulas (relatadas sucintamente a seguir) ocorreram em um mesmo dia.

Em uma das turmas da terceira série, iniciamos a aula com uma breve exposição da biografia do filósofo Martin Heidegger. Posteriormente, fizemos uma leitura coletiva (de forma paulatina) do texto que preparamos sobre a temática da aula. Em seguida, abrimos para o debate e os discentes se posicionavam trazendo exemplos de sua vida pessoal que se relacionavam com a “filosofia da existência”. Convém destacar que conseguimos chamar a atenção dos alunos para a importância da Filosofia por meio de exemplos do cotidiano em conexão com as categorias filosóficas do tema da aula.

Em outra turma da terceira série, procuramos adotar o mesmo método de abordagem, porém não tivemos o mesmo êxito, pois a turma apresentava dificuldades de atenção e de participar do diálogo. Percebemos que a turma também apresentava dificuldade em realizar leitura de forma espontânea. Diante de tais dificuldades (entre outras), exibimos um vídeo (um “plano B” que

preparamos previamente) para auxiliar no desenvolvimento do conteúdo e em seguida, ministramos a aula sem mais delongas.

Em seguida, fomos para a turma da 1ª série (alunos que tinham acabado de concluir o ensino fundamental e tendo o primeiro contato com a Filosofia no Ensino Médio). O tema foi propício para o desenvolvimento da aula, pois falar de política com os jovens foi bastante instigante, ao mesmo tempo em que foi polêmico, porque os discentes tinham dificuldade de distinguir a concepção de política do senso comum do conceito de política de um ponto de vista filosófico (que também se conecta com a nossa vida cotidiana). Com esta turma, adotamos o mesmo método que usamos com as demais.

Após o intervalo, fomos para a turma da 2ª série, nossa última aula do dia. Trabalhar Platão sempre foi muito tranquilo e como já existia uma sintonia entre nós e os discentes, a aula fluiu normalmente. Inicialmente, escrevemos a data do dia e o nome da disciplina no quadro e pedimos para a representante de turma distribuir os textos; posteriormente, fizemos a chamada, iniciamos a leitura coletiva (com ampla participação da turma). A aula ocorreu com um debate filosófico bastante qualificado.

Ao trabalhar o texto que construímos, percebemos que a clareza da linguagem usada na escrita (bem como do debate com os alunos) é de fundamental importância para que ocorra uma conexão entre o professor, o conteúdo e os estudantes, porém tudo deve ser trabalhado com cautela e o professor deve fazer auto avaliações constantes de sua prática, se aperfeiçoar em formação continuada, para não cometer erros que podem ser evitados.

Com relação a regência das quatro aulas mencionadas acima, podemos afirmar que nossos objetivos foram alcançados, porque despertamos nos alunos o interesse pelo exercício da reflexão filosófica sobre o mundo que vivemos, partindo do tema proposto para cada aula. Sendo assim, compreendemos os nossos limites com o surgimento de cada desafio, na mesma proporção que vislumbramos as possibilidades para alcançar os nossos objetivos com cada aula.

Neste contexto, sabemos que os alunos estão cansados de métodos educacionais tradicionais, “conteudistas”, sem qualquer relação com o seu contexto social, que apenas manipula informações ou que já trazem informações prontas. A educação deve e precisa se renovar, começando pelos professores, ou seja, esses devem se apropriar do universo das comunicações, pensar suas aulas com textos, bem como com outras ferramentas que já apresentamos no início deste texto, isso é, investir em sua formação continuada.

Considerações Finais

Finalizamos esse trabalho com o sentimento de realização, pois tecnicamente cumprimos com os deveres e objetivos propostos pelo Edital 06/2018 do Programa Residência Pedagógica, e fomos além das expectativas, transformando a RP Filosofia em um movimento de resistência política (com vivências do Ensino de Filosofia de forma significativa e relevante para a juventude do Ensino Médio). Neste contexto, aprendemos todas as lições pessoais e profissionais dessa experiência, percebemos que ser professor vai muito além de ministrar aulas programáticas.

Sendo assim, consideramos positiva nossa experiência e esperamos que o PRP se torne um projeto político de formação de professores em rede nacional de forma permanente, pois somente com a formação continuada alcançaremos a transformação na educação e com isso, na sociedade.

O PRP Filosofia contribuiu para firmar as ideias trazidas da Licenciatura em Filosofia sobre as inúmeras possibilidades do Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Esperamos que esse ciclo da Residência Pedagógica inspire tanto os alunos quanto os professores a buscar uma formação que seja conectada com a prática e com a realidade educacional das escolas públicas. Com isso, constatamos que todos os responsáveis pelo desenvolvimento do PRP Filosofia cumpriram seus papéis, abrindo espaço (político e educacional) para futuras parcerias.

A educação pública é um desafio e ensinar Filosofia é um desafio ainda maior; sendo assim, podemos afirmar que uma das dificuldades mais visíveis para o professor de Filosofia em formação é encontrar o caminho para iniciar a regência. Após encontrar a “trilha filosófico-pedagógica” a seguir, percebe-se que fazer Filosofia é exercício de filosofar, o que somente acontece com dialogicidade (e estudos sistemáticos de Filosofia) e na descoberta com o outro; com esta compreensão, tem-se uma visão das possibilidades para alcançar os objetivos almejados na regência de aulas de Filosofia.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. (2008). *Estratégias de Ensino-Aprendizagem*. 28 ed. Rio de Janeiro: Vozes.

BRASIL. (2006) Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Orientações curriculares para o Ensino médio*. v.3: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília.

CERLETTI, A. (2009). *O ensino de Filosofia como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1992) *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, 34.

DEMO, P. (2004). *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes.

EPICURO. (2002) *Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencine e Enzo Del Carrote. – São Paulo: Editora UNESP.

FARIAS, Maria Sabino de (et all). (2009). *Didática e Docência: aprendendo a profissão*. Brasília: Liber Livro.

Filosofia: ensino médio / Coordenação, Gabriele Cornelli, Marcelo Carvalho e Márcio Danelon. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FREIRE, Paulo. (2010) *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)*. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire.

GALLO, Sílvio. (2012) *Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papyrus.

GALLO, Sílvio. (2007) *A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade*. In: SILVEIRA, Renê J. T; GOTO, Roberto (Orgs.). *Filosofia no Ensino Médio: Temas, problemas e propostas*. São Paulo, SP: Edições Loyola.

GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. (2012) "*Formação de professores e metodologias ativas de ensino aprendizagem: ensinar para a compreensão*". *Fronteiras da Educação*, Recife, v. 1, n. 2, 2012. [Disponível em: <http://www.fronteirasdaeducacao.org/index.php/fronteiras/article/view/14>]. Acesso em: 08/09/2020.

HORN, G. B. (2017). *Didática do ensino de filosofia: pressupostos teórico-metodológicos*. Curitiba: CRV.

IMBERNÓN, F. (2000). *A Educação no séc. XXI: Os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artes Médicas.

KOHAN, W. O. (2013) *O mestre inventor. Relatos de um viajante educador*; tradução Halía Freitas. – 1 ed. – Belo Horizonte. Autêntica Editora.

KANT, I. (2006). *Sobre a Pedagogia*; Tradução de Francisco Cock Fontanella. 5ª ed. Piracicaba: Editora UNIMEP.

RODRIGO, Lídia Maria (2009). *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino de filosofia*. Campinas: Autores Associados.

SANTOS, Rodrigo Barboza dos (2017). *Filosofia do Ensino de Filosofia: propostas metodológicas para o ensino de Filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Fi.

SCHNEIDER, L. A (2008). *Filosofia da educação*. Curitiba: Editora do IBPEX.

ZABALZA, M. A. (2014). *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez.

Recebido em: 23/07/2020

Aceito em: 10/11/2020